

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15989 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

“VAI QUERER SER O QUE, PROFESSORA? SIM, SEREI UMA PROFESSORA!”: A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA UFFS – CAMPUS CHAPECÓ EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

Michele Batista - UFFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

“VAI QUERER SER O QUE, PROFESSORA? SIM, SEREI UMA PROFESSORA!”: A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA UFFS–CAMPUS CHAPECÓ EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

RESUMO: Esta pesquisa está em andamento e intenciona lançar luzes sobre trajetórias acadêmicas e os impactos na formação de professoras que acessaram uma graduação após os 25 anos de idade, identificando aspectos que levaram a ruptura e a retomada da educação formal. A pergunta de pesquisa é: Quais mudanças ocorreram, na vida de mulheres, com ingresso no ensino superior em cursos de licenciaturas na UFFS-Campus Chapecó, com mais de 25 anos de idade? O objetivo geral é compreender, em perspectiva interseccional, quais foram os impactos que o acesso à educação superior e a inserção profissional, trouxeram para a vida dessas mulheres. Os específicos são: conhecer suas trajetórias na educação formal (básica e superior); identificar as estratégias que possibilitaram a inserção e permanência; analisar aspectos institucionais que agregaram contribuições ou não na formação de professoras; e abordar os impactos profissionais que a formação proporcionou na interseção gênero e classe. A pesquisa está sendo realizada com abordagem conceitual da interseccionalidade, especialmente, com Akotirene (2022), Crenshaw (2019); Collins; Bilge(2020), dialogando com bell hooks (2013) sobre a formação de professoras em perspectiva decolonial Balestrin (2013) e Grosfoguel (2021). A metodologia está ancorada na oralidade através de roda de conversa Moura; Lima (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior. Formação de professoras. Interseccionalidade. Trajetórias.

A Lei 12.029/2009, criou a Universidade Federal da Fronteira Sul–UFFS, que como outras instituições foi fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais–REUNI, instituído pelo Decreto N. 6.096/2007.

Localizada na fronteira oeste de Santa Catarina, noroeste do Rio grande do Sul e Sudoeste do Paraná, a instituição desde sua criação realizou movimentos de inclusão, inicialmente focados na trajetória escolar dos candidatos, priorizando aquelas e aqueles vindos de escolas públicas. Contudo, a proposta de inclusão defendida na concepção da UFFS, ocupou o status de uma “democratização incompleta”, conforme alerta Soares (2021). Pereira (2014), lembra que embora a UFFS tenha se instalado numa Mesoregião onde já existiam quilombos e reservas indígenas em número significativo, esse debate não foi

estendido à essas populações.

Prestes a completar 15 anos de existência a instituição avançou passando a considerar reserva de vagas para as cotas de etnia, para pessoas com deficiência e a observar também princípios de respeito a diversidade. Porém o debate, sobre as ausências nos momentos iniciais da UFFS é pertinente, para que possamos “treinar” nosso olhar, para a amplitude da realidade.

Sinalizo que o público-alvo desta pesquisa faz parte de um contingente que até o momento não foi beneficiário de ações institucionais específicas. Preocupação que me acompanha, pois, minha função institucional como assistente social, no Setor de Assuntos Estudantis/SAE do *campus*, me permite ter acesso a inúmeras situações, dentre elas, às violências vivenciadas pelo público feminino que denotam que gênero associado a classe são fatores de adiamento do sonho da graduação. Conhecer as estratégias construídas por essas mulheres na fase anterior a graduação, durante o acesso à vaga, as estratégias que foram desenvolvidas ao longo das trajetórias, correlacionando com as ações de permanência existentes e os impactos que esse movimento trouxe à atuação profissional é o caminho que percorrerá a pesquisa.

A indicação de idade, se dá a partir do marco considerado como ideal pela Lei de Diretrizes e Bases–LDB (1996), que regulamenta as etapas da educação. Tendo acessado o ensino superior com 25 anos completos ou mais, podemos inferir que houve uma “quebra” no processo de educação formal e a inserção na graduação é tardia, por assim dizer. Casos como das intelectuais negras, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene e Conceição Evaristo, ilustram que o processo de formação acadêmica, não é linear tal qual descrito na legislação. Compartilho aqui, uma identificação em especial do “amadurer” e “aquiterar” minha própria inscrição no processo seletivo do mestrado, a qual realizei somente depois de onze anos de conclusão de uma pós *latu sensu*, também vivenciando uma “quebra”. É o que Grada Kilomba (2019) chama de processo “study up”, como sendo uma forma de fazer pesquisa com a qual me identifico, pois valoriza a aproximação entre pesquisador e pesquisado.

A problemática da pesquisa é: Quais impactos a ruptura e a retomada do processo de educação formal, trouxeram para a vida de mulheres, que ingressaram com mais de 25 anos nos cursos de licenciatura da UFFS-*Campus* Chapecó, considerando a permanência, a conclusão e perspectivas profissionais na área da Educação?

O objetivo geral está em compreender os impactos que o acesso à educação superior em cursos de licenciaturas da UFFS-*Campus* Chapecó e a inserção profissional, trouxeram para a vida de mulheres que vivenciaram a ruptura e a retomada do seu processo de educação formal em perspectiva interseccional. Os objetivos específicos são: Conhecer a trajetória de educação formal das graduandas e/ou egressas, durante a educação básica e no ingresso na graduação; Identificar quais foram as estratégias (limites e desafios) construídas pelas graduandas, que possibilitaram a permanência na universidade; Problematizar os aspectos

institucionais que potencializam ou que dificultam, a adaptação destas estudantes, ingressantes nos cursos de licenciaturas; e Analisar os impactos profissionais que o ensino superior proporcionou as mulheres, agora professoras em intersecção entre gênero e classe.

O campo teórico que orienta a pesquisa é o decolonial, por questionar supremacias, sendo, conforme Balestrin(2013), o movimento que percebe, se posiciona e busca meios de dar voz ao sujeito subalterno. Atitudes decoloniais são manifestadas externamente, mas também requerem que consigamos realizar movimentos internos de desconstrução de paradigmas. “Grande parte da dificuldade de descolonização deve-se a essa dimensão interna colonial em nossa maneira de ser e estar no mundo. (Grosfoguel, 2021, p. 20)

Trabalhar pelo prisma decolonial, requer estabelecer uma relação dialógica com o contexto estudado e as inter-relações dos lugares de gênero e classe. Assim, o conceito que balizará a coleta e a análise dos dados empíricos será a interseccionalidade, pois esta,

[...] investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica [...] é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge, 2020, p. 16 e 17).

A metodologia da pesquisa é da história oral através da roda de conversa, imersa pelo conceito interseccional em perspectiva decolonial. Com isso será possível perceber o que está na singularidade e o que está posto como pertença coletiva e que pode reverberar ressignificações da trajetória a acadêmica, pois [...] nela há a possibilidade de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado.” (Moura; Lima, 2014, p. 2).

Serão ouvidas 7 mulheres, sendo uma representante de cada licenciatura (Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Letras/Espanhol, Matemática e Pedagogia), que tenham concluído a graduação ou que estejam cursando, ingressantes até o ano de 2020. O enfoque qualitativo analisará falas das participantes e o quantitativo, a comparação entre estudantes da faixa etária da pesquisa e as demais faixas etárias.

A pesquisa está em andamento, mas já é possível vislumbrar as trajetórias dessas mulheres, e como afirma hooks (2013, p. 27), “[...] existe uma ligação entre as ideias aprendidas no contexto universitário e as aprendidas pela prática da vida”. Os resultados esperados estão na visibilidade de mulheres com ingresso tardio e que rompem barreiras domésticas e institucionais para tornarem-se professoras.

REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [s. l.], v. 11, p. 89–117, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

bell hooks. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

CRENSHAW; Kimberlé. **Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo**: uma crítica feminista negra da doutrina da antidiscriminação, da teoria feminista e da política antirracista. p. 53-90. In: Maria Manuel Baptista; Fernanda de Castro (Org.). *Gênero e performance: textos essenciais 2*. 2019. Disponível em: <https://gece.estudosculturais.com/>. Acesso em: 02 out. 2023.

GROSGOUEL, Ramón; ONESKO, Gabriel Camargo. A complexa relação entre modernidade e capitalismo: uma visão descolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 6- 23, 2021.
KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, Adriana; LIMA, Maria. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23. n. 1. p. 98 -106, jan. - jun. 2014.

PEREIRA, T. I. **Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições**: a experiência do Alto Uruguai Gaúcho. 2014. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOARES, Claudete Gomes. Educação antirracista e democratização do ensino superior. **Revista Contemporânea de Educação** - UFRJ, vol 16, n.37, set/dez/2021.